CONCLUSÕES, DÚVIDAS E PROBLEMAS

Modelos de categorização lexical clássica se baseiam na noção de que elementos de dadas categorias compartilham propriedades. Assim, elementos da classe dos substantivos têm como característica comum a denotação de seres, a possibilidade de flexão de gênero e número, etc. Com efeito, modelos de categorização refletem o pensamento humano, de maneira que muitas palavras do léxico evidenciam esses padrões. Quando pensamos em membros da *família*, por exemplo, fazemos um tipo de categorização baseado em laços consanguíneos ou em filiações como casamento ou adoção. Da mesma forma, quando pensamos em *mobília*, pensamos nas diferentes peças que colocamos dentro de um cômodo para diversas finalidades.

No entanto, a categorização não é tão simples quanto aparenta ser. A teoria clássica de que categorias constituem compartimentos estanques é posta em xeque por Rosch:

Primeiramente, se as categorias são definidas apenas por propriedades que todos os membros compartilham, então nenhum membro deve ser considerado como melhor exemplo de uma categoria do que os outros.

O modelo clássico de categorização é discutido na obra póstuma de Wittgenstein. Em “Investigações Filosóficas” (1953: 38), temos um trecho no qual o filósofo aborda o problema da categorização:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam ‘jogos’”, - mas veja se algo é comum a eles todos. – Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! – Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos aos jogos de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. – São todos ‘recreativos’? Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e perder, ou uma concorrência entre os

jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há um ganhar e perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desapareceu. Veja que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem.

Assim, os *jogos*, como as demais categorias como as *mobílias*, por exemplo, são explicados em termos de *semelhanças de família*. Assim, as semelhanças que existem entre os membros de uma dada categoria formam uma rede complexa, interlaçando-se mutuamente.

Temos no espectro das cores termos mais centrais intimamente ligados à nossa percepção visual. Assim, há melhores exemplos de cores como *branco* ou *preto* (haja vista os exemplos de línguas que só contam com dois termos para cores, como *frio*, para denotar cores como o preto, o azul e o verde, e *quente*, para denotar cores como o amarelo, o vermelho e o branco) e exemplos menos centrais. É isto que nos leva a admitir a existência de melhores exemplos da cor vermelha (o *vermelho focal*), assim como exemplos menos centrais.

Nessa visão, podemos identificar, dentro da categoria lexical dos substantivos, exemplos mais centrais (tal como é o caso dos substantivos plenos) e exemplos menos centrais (como os substantivos precários, restritos aos contextos genéricos). Da mesma maneira, poderíamos considerar algumas formas X-do derivadas de verbos transitivos diretos como exemplos menos centrais de adjetivos (*coroadado*, *escolhido*, *julgado*), uma vez que podem aparecer em contextos sintáticos característicos de alguns verbos, enquanto que outras formações como *assustado* e *culpado* poderiam ser consideradas como mais centrais, em virtude de seu funcionamento sintático e morfológico mais típico de adjetivo, conforme podemos ver nos testes de Pimenta-Bueno (1986).

O mesmo ocorre em relação aos *modelos cognitivos idealizados*. Uma categoria como *aposentado*, utilizada para denotar pessoas que deixaram de trabalhar tem de ser interpretada de acordo com o contexto da sociedade, em que um indivíduo se afasta do trabalho depois de um período de tempo (ou por invalidez) e passa a receber uma remuneração (também conhecida como pensão). No entanto, conforme vimos anteriormente no exemplo de *preso*, temos uma percepção relacionada ao indivíduo aposentado. Assim, não imaginamos um

príncipe como um indivíduo qualificado para esta condição, de maneira que somente aqueles indivíduos que desempenham uma função remunerada na sociedade podem ser candidatos para a aposentadoria.

Também os contextos interferem na centralidade das categorias lexicais. Assim, um substantivo com a finalidade de denotar uma categoria mais geral da sociedade, como um *aposentado*, ou um *convidado*, pode ser interpretado como um melhor exemplo de substantivo do que outros substantivos que também são plenos, mas que, entretanto, são restritos a esferas sociais mais específicas, como, por exemplo, o contexto jurídico.

Mediante a criação dos testes de substantivação, podemos atestar a dificuldade de interpretar frases com determinadas formas X-do em contextos que fogem à sua esfera específica:

(34) Vi um *convocado* parado na esquina.

(35) Vi um *aposentado* parado na esquina.

(34) só pode ser interpretada dentro da esfera jurídica ou militar. (35), por sua vez, pode ser interpretado mais facilmente, uma vez que aposentado se aplica a diversos contextos semânticos e sintáticos em razão de sua centralidade como substantivo X-do.

A premissa da Teoria Gerativa de que a gramática é um módulo encapsulado, desvinculado dos processos cognitivos centrais é problemática no que tange ao tratamento dos substantivos. Com efeito, a importância do conhecimento de mundo dos falantes e das propriedades cognitivas como a categorização não podem ser abarcados pelo modelo formal de representação simbólica utilizado na Hipótese Lexicalista. Assim, são mais promissores para uma visão mais abrangente do fenômeno linguístico modelos que integrem ou admitam interfaces.